

A música na construção do ser humano: jogos musicais no coral do CAPS de Paraipaba como uma forma de musicalização

Álida Romênia de Sousa Moreira

Universidade Estadual do Ceará

alidaromenia@gmail.com

Inez Beatriz de Castro Martins Gonçalves

Universidade Estadual do Ceará

inez.martins@uece.br

Resumo: O presente texto apresenta alguns resultados acerca de uma pesquisa experimental descrita em um trabalho de conclusão de graduação em música na Universidade Estadual do Ceará (UECE). A investigação objetivou discorrer sobre as experiências vividas e observadas ao longo de aulas ministradas pela graduanda com alunos integrantes do coral do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) no município de Paraipaba, na região norte do Ceará. A temática de estudo visou compreender a atuação e o efeito que os jogos musicais tiveram nos pacientes selecionados para as aulas. O trabalho refletiu ainda sobre a importância do coral como forma de musicalização e sensibilização dos envolvidos e o uso de jogos musicais como auxílio ao desenvolvimento pessoal. As aulas confirmaram a relevância do papel da música enquanto meio eficaz de educação para um grupo formado por pessoas com problemas físicos e psicoemocionais. A monografia discorreu também sobre outros temas como a musicoterapia e a ludicidade dos jogos como meio para se atingir os resultados pretendidos. A pesquisa baseou-se no método qualitativo, um estudo de caso com coleta de dados realizado por meio de entrevistas semiestruturadas a cinco profissionais que trabalhavam dentro da instituição do CAPS e com alguns familiares mais próximos dos quatro pacientes escolhidos. Os efeitos positivos das aulas de música apontados pelos profissionais e familiares sobre os pacientes comprovam a importância do uso da música em ambientes não-formais de aprendizagem além de confirmar a função democrática da educação musical como direito de todos, sem exceção.

Palavras-chave: Musicoterapia. Coral. Jogos musicais.

Introdução

Esta pesquisa trata de uma experiência em educação musical realizada no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) no município de Paraipaba, região norte do Ceará, formado por pacientes leigos em música. Por meio do trabalho voluntário, a graduanda do Curso de Música da UECE manteve contato com pessoas com problemas psicofísico-emocionais e resolveu desenvolver um trabalho de coral neste espaço. Observando as dificuldades que os coralistas tinham em aprender o repertório proposto, a regente decidiu desenvolver algumas aulas de musicalização. A proposta inicial foi ajudar a estas pessoas com

dificuldades psicossociais a melhor se integrarem no ambiente do ensaio e obterem resultados mais efetivos, tanto durante a aprendizagem das músicas quanto no momento de cantar o repertório proposto.

A partir da detecção das dificuldades surgiu a ideia de propor um projeto na qual pudesse usar jogos musicais para ensinar os parâmetros da música durante as aulas do coral como uma forma de musicalizar o grupo. Portanto, o objetivo do projeto foi musicalizar os integrantes do coral do CAPS por meio de jogos musicais como instrumento facilitador de aprendizagem do repertório da aula de canto em conjunto. Somado a isto, objetivou-se ainda contribuir para o desenvolvimento humano de cada indivíduo, mobilizando por meio da educação musical inclusiva, as energias construtivas da sua psique. Esta comunicação propõe apresentar inicialmente as reflexões teóricas em torno do tema musicalização para pessoas com algum tipo de distúrbio físico e mental, seguindo de uma pequena descrição do projeto implementado com análise das entrevistas realizadas.

A musicalização e sua importância no desenvolvimento humano

A música como terapia

Em alguns momentos de nossa vida nos deparamos com pessoas traumatizadas por motivos diversos. Acidentes, assaltos, perdas econômicas, abusos ou a morte de um parente muito querido são situações que, muitas vezes, provocam nas pessoas um estado de choque, pânico, apatia, medo, sentimento de culpa, ocasionando depressões e fobias. Esses traumas são perturbações, algumas vezes transitórias, em outros momentos, permanentes. Colapsos mentais mediante situações traumatizantes podem ocorrer a qualquer pessoa. Contudo, existem indivíduos que nascem com problemas biológicos decorrentes de síndromes genéticas (por herança familiar ou por mal formação do feto, os quais geram problemas como retardo mental ou desenvolvimento motor)¹ ou por distúrbios neurológicos (por disfunção no encéfalo, prejudicando as funções do indivíduo) (BEAR; CONNORS; PARADISO; 2008).

Em todos os casos em que os indivíduos possuem algum tipo de distúrbio é preciso que a sociedade as encarem de maneira menos preconceituosa e ajude-os a superarem suas

¹ SÍNDROMES GENÉTICAS. Disponível em: <www.ebah.com.br/sindromes-geneticas> Acesso em: 18 jan. 2016.

limitações físicas e mentais, oferecendo a eles mais oportunidades de viverem suas vidas de forma digna e inclusiva. Observando as dificuldades que as pessoas com problemas psicoemocionais têm de se comunicar, de enfrentar seus medos, de superar seus obstáculos, a autora do projeto percebeu que, suas experiências como educadora musical poderiam ser a sua forma de contribuir para a transformação da realidade a sua volta. A proponente percebeu ainda o quanto estas pessoas necessitam da vivência em grupo para serem estimulados. Neste sentido, a música e o coral poderiam ser esses instrumentos os quais estimulariam os integrantes a novas experiências, proporcionando o desenvolvimento da autoestima, do autoconhecimento, da autodisciplina, do equilíbrio e da expressão pessoal, estética e artística.

Autores como Gainza (1988) e Swanwick (2003) refletem sobre a importância da música no desenvolvimento das potencialidades humanas, facilitando o desenvolvimento linguístico, cognitivo, coordenação psicomotora e a afetividade. O uso da música como terapia tem contribuído no tratamento de pacientes com deficiências física, mental, sensorial, além das gestantes e das crianças com distúrbios de aprendizagem. Logo, com efeitos terapêuticos, a música tem poder de recuperar, reabilitar e inserir o paciente no meio social. O terapeuta é um facilitador, que por meio do seu material de trabalho provoca no paciente, “situações e intercâmbios de mensagens” que o ajudem a se autoconhecer e, conseqüentemente, a se relacionar de forma mais gratificante na sociedade (BENZON, 1988, p.27).

A musicoterapia pode ser muito eficaz para resgatar a autoestima desses pacientes, bem como, promover o desenvolvimento sócio-bio-psicológico no indivíduo, conforme mostram pesquisadores da matéria. Isso vai fazer com que o paciente melhore sua qualidade de vida, inclusive no controle, na aceitação e assimilação do tratamento (CAVALIERI, 2011, p.11).

A aplicação da música adequadamente pode ajudar o indivíduo a refletir sobre si e o meio, a vivenciar e sentir emoções, podendo influenciar no comportamento. A musicoterapia facilita a adesão do paciente ao tratamento, favorecendo a autoexpressão, melhorando o comportamento e a socialização. A música penetra tanto no mecanismo fisiológico quanto no psicológico, podendo eliminar vários tipos de dores (os exercícios de relaxamento com música confirmam o “poder” de penetração que a música pode causar no

nosso corpo e mente). Ela pode promover soluções para conflitos emocionais, pois sendo um meio de conexão, ela é capaz de atingir diretamente o inconsciente e, conseqüentemente, ajudar a fluir novas situações para o autoconhecimento.

O coral e os jogos musicais como estratégias de musicalização

O ensino de música deve despertar no aluno um ser criativo, pois assim o homem passa a se comportar perante as situações da vida como um artista, ou seja, um criador capaz de encontrar soluções. Segundo a educadora musical Marisa Fonterrada o ensino precisa colaborar no crescimento global do indivíduo. No seu entender, o mais importante é o contato que a música provoca na pessoa a qual estimula o surgimento de uma nova forma de ver, ser e estar no mundo (FONTERRADA, 2008, p. 195).

Nesse mesmo sentido, Gainza (1988, p. 88) reflete que “a educação e, portanto, a educação musical, deve ser considerada como uma contribuição sistemática ao processo de desenvolvimento integral (bio-psicossocial) do ser humano.” A autora compreende o ensino e a aprendizagem da música como uma área de conhecimento que envolve e desenvolve o ser humano em sua totalidade. Acrescenta ainda a possibilidade da música proporcionar um equilíbrio pessoal, desenvolver o sentido da ordem, da expressão, socialização e o alívio de tensões, tanto emocionais como os da própria fadiga de uma vida agitada. Para toda esta maneira de compreender a educação musical, Gainza denomina de “educação especial”. Este tipo de educação é centrado na pessoa, tratada de forma específica, adaptada as limitações de cada um, voltada para a terapia em si.

Ao longo da vida é comum o ser humano vivenciar a falta de motivação. Esta desmotivação é um elemento que normalmente interfere no processo de aprendizagem da pessoa. No caso específico em que este trabalho discute, a desmotivação é ocasionada pelas dificuldades geradas pelos distúrbios psicofísicos dos pacientes. Como superar esta desmotivação é o questionamento que os professores devem refletir para encontrar métodos e alternativas que ajudem aos aprendizes a superar seus obstáculos. Aos professores cabe a tarefa de sistematizar a reflexão e contribuir para que o ensino seja eficaz, proporcionando uma dinâmica que objetive um bom relacionamento entre professores, alunos e toda a comunidade envolvida.

Uma das estratégias para combater a desmotivação e ajudar à superação dos obstáculos psicofísicos dos pacientes foi a utilização do coral como instrumento de sensibilização da música. O coral foi encarado como um excelente meio de socialização já que é fundamentalmente um trabalho em grupo. Além disso, o fato dos pacientes usarem sua própria voz como instrumento musical, estarem divididos por naipes, realizarem os exercícios vocais, terem que aprender novas músicas, estas habilidades ajudaram a desenvolver os integrantes e os estimularam neste desenvolvimento. O processo de aprendizado do canto coral exige também dos alunos a autodisciplina, estimula a concentração e o desenvolvimento do trabalho em conjunto. De forma mais ampla, a música contribui também para a superação de preconceitos já que desenvolve a autoestima e o autoconhecimento.

No caso do projeto de musicalização da CAPS o coral foi um canal de inserção dos pacientes na sociedade, atividade que também apresentou mudanças no modo de viver dos coralistas, conforme veremos mais adiante nas entrevistas. O coral foi um ponto importante para as pessoas que tinham baixa estima, já que o trabalho, feito coletivamente, proporcionou momentos de confraternização e colaboração mútua. Concordamos com Mathias (1986, p. 21) quando menciona que “o grupo coral poderá ser um agente transformador da sociedade por meio de sua educação musical”. A transformação pessoal e, conseqüentemente, do grupo, foram aspectos percebidos no projeto realizado em Paraipaba.

A atividade do coral para pessoas com problemas psicofísicos ainda é uma prática pouco disseminada tendo em vista a dificuldade que é encontrar profissionais especializados em música que trabalhem com este tipo de grupo. Para a regente do projeto, o coral comprovou ser um importante canal de socialização. A atividade promoveu uma conexão com a história pessoal de cada indivíduo, incentivou a participação dos alunos especiais em um ambiente cultural (o próprio ensaio do coral), oportunizou aos pacientes vivenciarem uma educação inclusiva por intermédio da música, além de contribuir para o desenvolvimento humano individual.

A outra estratégia de musicalização utilizada pela proponente do projeto foi a utilização dos jogos musicais. Jogos musicais são brincadeiras e exercícios criados em forma de “problemas” a serem solucionados pelo “jogador” que usufruem do “jogo” (BRITO, 2001).

Durante a atividade, o “jogador” aprende os conteúdos musicais, socializa-se, aflora sua criatividade e suas capacidades musicais. Os jogos musicais bem selecionados e usados com objetivos terapêuticos podem contribuir para o crescimento mental e corporal dos pacientes. O uso de um “jogo musical” para uma situação específica de aprendizagem contribuirá tanto para o desenvolvimento da coordenação corporal quanto psíquica. Os alunos aprenderão experimentando, explorando e encontrando novas formas de aprender os conteúdos musicais. A socialização da brincadeira deixa os alunos mais à vontade para se exporem de uma forma simples. Ao compartilhar uma ideia, a brincadeira os deixa cada vez mais livres à reflexão, imaginação e à criação. Os alunos deixam de reproduzir para improvisar mais e, até mesmo, criar.

Sem motivação os alunos não terão vontade de participar das aulas. Por isso, os professores devem usar diferentes formas e meios para lecionar. O jogo musical é um elemento motivador. Além de proporcionar entusiasmo ele mobiliza um conjunto de potencialidades e capacidades do ser humano. Dentre as diversas metodologias de ensino que Teresa Mateiro e Beatriz Ilari refletem em seu livro sobre educação musical, as autoras discutem a abordagem pedagógica-musical do francês Maurice Martenot. Este educador embasa sua concepção a partir da valorização do homem. Ele defende e propõe o uso do jogo musical como metodologia para o desenvolvimento integral do ser humano, tendo como meta colaborar no crescimento global do indivíduo. Para ele, o conhecimento musical deve ser oportunizado para diversas faixas etárias (MATEIRO; ILARI, 2011, p.159).

Criar é produzir uma ideia que foi pensada, imaginada. Dentro do ato de criar faz parte o lúdico, que é uma forma de motivar, tornar prazeroso o ato de criação. A brincadeira proporciona o divertimento criativo, poder construir e reconstruir ludicamente de forma organizada. Independentemente da idade, todos podem ser sujeitos criadores (MOTTA *apud* ANNUNZIATO, 2002, p. 6). A ludicidade possibilita um desenvolvimento maior da ideia, sua flexibilidade, imaginação criativa, criada por meio da visualização e do pensar com intuito de solucionar a brincadeira.

O jogo tem um papel importante no ensino pré-figurativo (KOELLREUTTER *apud* BRITO, 2001, p. 36), pois ele ensina o aluno por meio de problemas a serem solucionados. Dessa forma eles terão que expor ideias, questionar e criar meios para solucionar o jogo. Levar os alunos a questionar-se e interpretar os acontecimentos relacionando com o

presente e com o desenvolvimento da sociedade é superar o entendimento de achar que a sua “história” é uma simples consequência do passado. Isso faz parte do ensino pré-figurativo. Este é livre, sem preconceções. Como seres humanos buscamos o prazer, mas sabemos que existem necessidades, deveres que não podemos deixar de realizar. O lúdico pode servir de elo entre a liberdade e a realidade, tratando a situação de forma prazerosa e agradável com objetivo de criar e procurar soluções.

Os jogos musicais proporcionam essa aprendizagem divertida com o objetivo de desenvolver a capacidade perceptiva, rítmica, sonora, a coordenação motora, a imaginação e a criatividade, elevando a autoestima, além de ser um poderoso meio de integração social. A interação dos alunos se dá também através dos jogos musicais, na qual a maioria são realizados em grupos com a participação de todos, utilizando do corpo e a mente para executá-los. Porém, mesmo que eles sejam realizados individualmente, em sua maioria possuem regras, que objetivam o respeito mútuo. As atividades a serem trabalhadas devem visar à concentração, a memória, o reflexo, a coordenação, a socialização, a audição, entre outros.

A consciência e o sentido rítmico são desenvolvidos nas crianças por meio de movimentos e jogos, que auxiliam no reconhecimento e na compreensão sensorial dos modelos rítmicos, tanto oral quanto visualmente (FONTERRADA, 2008, p. 157). Os jogos rítmicos auxiliam no reconhecimento sensorial humano, pois o ritmo induz ao movimento corporal em todas as pessoas, seja ela criança ou jovem, adulto ou velho, ou ainda pessoas com problemas mentais. Portanto, o ritmo tem um papel importante que ajuda o movimento corporal reativando a coordenação motora e aliviando tensões emocionais favorecendo ao equilíbrio do sistema nervoso.

O avanço desses exercícios-jogos se dá à medida que o aluno assimila devidamente os elementos estudados. Esses devem ser curtos e vivazes, estimulando os alunos para uma atividade alegre, que será mais intensa na medida em que for menos prolongada. (VALLIM *apud* MATEIRO E ILARI, 2011, p. 161). Cada jogo tem um objetivo proposto, e cada superação dos exercícios é um avanço no conhecimento musical. Quanto mais claro for o objetivo do jogo e prático em sua realização, mais estimulador se apresentará aos alunos. A conquista das metas propostas será um aspecto positivo percebido tanto por parte dos professores que programaram a atividade como daqueles conseguiram “brincar” e, ao

mesmo tempo, aprender. Afinal, um dos objetivos principais dos jogos musicais é a interação vivenciada e praticada em cada exercício dando ao participante o conhecimento de si e da música.

Para Alliana Daud (2009, p.8) “cada proposta de brincadeira” objetiva o desenvolvimento da “capacidade perceptiva, rítmica e sonora” que abrange também “a escuta interna, a coordenação rítmico-corporal, as associações sonoras, as classificações sonoras diversas, a imaginação, a criatividade, entre outras”. O jogo musical é uma forma prazerosa de ensinar música, onde se motiva a criatividade e a socialização. Para Mizukami (1986, p. 80) é de fundamental importância a aplicação do jogo ao ensino. Jogar é descobrir, criar determinadas formas de prosseguir na brincadeira, ao mesmo tempo é pensar, sentir e agir. “Cada fase de desenvolvimento do ser humano é caracterizado por uma conformação única especial, indo desde o jogo individual, o jogo simbólico, o jogo pré-social, ao de regras (social)” (MIZUKAMI, 1986, p.80). Portanto, uma das melhores maneiras de ensinar música de forma lúdica é através dos jogos musicais, já que este tipo de proposta interage corpo e mente e estimula a execução da atividade de maneira divertida e descontraída.

Descrevendo o projeto e as entrevistas

O projeto de musicalização no coral do CAPS foi dividido em quinze aulas com duração de 70 minutos, sendo 30 minutos só com os pacientes escolhidos e 40 minutos com todos os integrantes do coral. Ocorreu uma vez por semana durante quatro meses. No último mês, a proponente realizou as entrevistas direcionadas aos familiares dos pacientes e profissionais da área, cuja análise será apresentada adiante.

Na primeira parte da aulas (os 30 minutos iniciais) os quatro pacientes escolhidos tiveram aulas de musicalização. Os temas trataram sobre a sensibilização dos pacientes ao som e ao silêncio, compreensão e realização de atividades ligadas aos parâmetros musicais, sendo cada parâmetro apresentado separadamente, um por aula. Em seguida, dificultou-se mais a aprendizagem fazendo a associação dos parâmetros. A partir da segunda metade da carga horária total do projeto (a partir da oitava aula), o conteúdo passou a tratar de conceitos um pouco mais “complexos”, como a compreensão do que era uma “melodia”, “harmonia” (apresentando canções em vozes), “ritmo”, apontando as diferenças destes

conceitos em exemplos práticos. Nas últimas aulas, a professora foi mais ousada e trouxe uma atividade ligada à aprendizagem das notas musicais.

Todos os conteúdos trabalhados com os quatro pacientes nos 30 minutos iniciais eram fixados com o grupo maior que formava o coral. Nestes 40 minutos seguintes, momento em que acontecia a aula de coral, a regente dava continuidade as atividades de musicalização com todos os integrantes. Era nessa parte da aula em que a professora avaliava o grau de compreensão e desenvolvimento do conteúdo apresentado no momento inicial. Na terceira aula, por exemplo, foi trabalhado inicialmente o parâmetro “intensidade”. Para esta aula, o trabalho de compreensão do conceito, nos trinta minutos iniciais, foi feito cantando algumas cantigas de roda do conhecimento deles. Com um acompanhamento do teclado a professora demonstrou a questão da intensidade no toque dos acordes para eles sentirem a diferença. Em seguida, pediu para eles cantarem conforme a maneira que a professora executava os acordes no instrumento. Quando tocado forte, eles cantariam a música forte; quando tocado fraco, eles responderiam cantando a música mais fraca também.

Durante a aula do coral, a professora propôs o jogo de “brincar de regente” (ANNUNZIATO, 2002, p.48). Diante da turma, ela apresentou três cartões de cores diferentes. O vermelho representava o silêncio, o amarelo o som fraco e o verde o som forte. Durante os exercícios de *vocalizes*, pediu para os quatro alunos selecionados do projeto mostrarem o cartão, um por vez, conforme a intensidade que eles queriam ouvir do grupo. Quando levantavam o verde, por exemplo, todos cantariam o *vocalize* na intensidade forte. Assim, cada um deles poderia experimentar ser o “regente”. Foi divertido para os participantes do projeto regerem porque eles sentiram-se valorizados, capazes de estar na frente de um grupo, “comandando” e expressando sua própria necessidade de ouvir um som.

Na última aula do projeto a professora buscou refletir com os alunos acerca do repertório trabalhado e de tudo o que foi estudado. Ela procurou fazer uma avaliação observadora de todo o trabalho executado comparando com o que eles sentiam ao cantar as músicas escolhidas, antes de passar pelo processo de musicalização, com as sensações que agora eles expressavam ao ouvir um som e ao cantar as músicas. Ouvir os alunos expondo seus sentimentos, pensamentos, exprimindo a si mesmos, sua compreensão sobre a música,

foi um resultado gratificante. Os participantes do projeto demonstraram sentirem-se mais úteis, capazes, alegres e mais sensíveis ao ouvir uma música, tendo mais segurança ao cantar e ao se expressar. Além do conhecimento musical adquirido, os participantes melhoraram sua autoestima.

Em dias diferentes a execução das aulas foram feitas as entrevistas aos familiares dos alunos e de alguns profissionais que acompanhavam os pacientes escolhidos para a participação do projeto. O objetivo foi compreender melhor as dificuldades e facilidades que os alunos estavam tendo na vida fora do grupo do coral, afinal, o meio familiar também contribui e influencia na educação e socialização dos alunos. A autora do projeto procurou falar também com alguns profissionais do CAPS para saber se as aulas de musicalização e o coral estavam contribuindo para a melhoria dos pacientes.

O roteiro das entrevistas teve três pontos importantes. O primeiro foi observar a importância do CAPS para os pacientes; o segundo, como se dava a participação dos pacientes nos grupos do CAPS; o terceiro, compreender qual foi a contribuição do projeto “jogos musicais no Coral do CAPS” para os pacientes. A intenção foi avaliar o resultado do projeto pela visão dos profissionais da área de saúde e dos familiares que convivem diariamente com os pacientes.

Mantendo o sigilo sobre as identidades dos entrevistados, a entrevistadora designou as letras em ordem alfabética para os parentes dos usuários (A, B, C, D) e para os profissionais entrevistados indicou números antes da letra P (1P, 2P, 3P, 4P e 5P), sendo identificados dessa forma ao longo do trabalho. Todos os familiares entrevistados mencionaram seu apoio ao CAPS e da importância da instituição para os pacientes e para eles.

O que eu mais precisava era de esclarecimento, de como agir em certas situações... e de ajuda com os medicamentos e o CAPS possibilitou isso... a ajuda e a atenção são importantes para eles (D).

A resposta dos familiares abrangeu dois assuntos que foram o atendimento especificado e a relação com os familiares. Os profissionais entrevistados falaram também que, além do acompanhamento clínico, outro fator importante para eles era fazer com que os pacientes fossem conhecedores dos seus direitos, tornando-os felizes e úteis, diminuindo

o preconceito existente entre paciente e sociedade. Comentaram ainda da interação que os pacientes obtiveram ao participar dos grupos e falaram que a agressividade de alguns usuários diminuíram.

A interação deles melhoraram, a boa socialização contribuiu para diminuir a agressividade de alguns usuários, apesar da mobilidade ser difícil, pois muitos moram longe, os que chegam e participam, tem uma autoestima maior (1P).

Cada entrevistado comentou a contribuição do projeto na vida dos pacientes. Os familiares falaram do comportamento dos usuários em casa. Observando os comentários feitos, o projeto exercitou também a memória, tornando-os mais ativos e criativos. Eles passaram também a se socializar mais com os familiares, transparecendo mais seguros e úteis na sociedade.

Esse projeto tem ajudado com relação à memória. Antes ela não cantava uma música toda aqui em casa, agora canta mesmo que às vezes ela esqueça, mas ela não para de cantar. Ela tem feito desenhos que representam músicas que ela gosta como se abrisse mais a mente para poder criar e memorizar. Antes, aqui em casa, ela era calada, agora conversa e eu fico feliz em ver ela animada, esperta e com uma memória melhor (D).

Os profissionais entrevistados falaram da importância da música e da contribuição do projeto ao observarem o desenvolvimento deles dentro da instituição e na sociedade.

A ajuda da música é fundamental. Os benefícios da música para os pacientes são muitos. Eles têm exercitado muito a memória. Antes eles não identificavam as cores e você trabalhou com cores diferentes e percebi a melhora deles. Eles agora distinguem melhor as cores, eles identificam os instrumentos, diferenciam sons. Além da memória, a concentração melhorou, e as coordenações também passaram a controlar melhor os movimentos (1P).

Os comentários dos profissionais foram em concordância com os dos familiares, os pacientes obtiveram uma melhoria na memória, desenvolveram uma coordenação motora, o desenvolvimento criativo, melhoraram a concentração e a convivência em sociedade.

Conclusão

Nesta comunicação apresentou-se uma experiência de educação musical em um espaço não-formal de aprendizagem, o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) do município da Paraipaba no Ceará. Os participantes das aulas foram pacientes do Centro que tinham distúrbios psicofísicos. Por meio do uso do coral e de exercícios em forma de “jogos musicais”, a proponente do projeto trabalhou conteúdos musicais e desenvolveu musicalmente os alunos. Sendo a música uma forte influenciadora do comportamento do ser humano, o coral e os jogos musicais foram instrumentos de sensibilização artística para os pacientes do CAPS. As atividades musicais desenvolveram a criatividade, a atenção, a coordenação e a memória dos participantes do projeto.

Os jogos musicais, dentro das aulas do coral, apresentaram o conteúdo de música de forma prática, favorecendo a aprendizagem musical dos alunos sem pressão. Os jogos, por terem uma característica de divertimento, não foram vistos como recreação, nem como competição, mas como uma atividade organizada, com regras, lúdica, que fez o aluno refletir a matéria, criar, imaginar e interagir tanto com os colegas. Os exercícios foram voltados para o desenvolvimento mental e físico, trabalhando tanto a coordenação corporal quanto a psíquica. Por isso, os alunos aprenderam experimentando, explorando e encontrando novas formas. A ludicidade contribuiu para a percepção e a atenção dos alunos, mantendo o foco no objeto. O jogo ajudou ainda a criar uma maior interação. Pode-se perceber que, a execução das atividades propostas ajudaram a vencer barreiras pessoais pelo prazer em querer ver a “brincadeira” concluída. Por isso, a união e a colaboração da equipe ajudaram com que o grupo, juntos, finalizassem o jogo proposto. Essa maneira de ensinar demonstrou ser um excelente exemplo de educação musical para alunos especiais, desenvolvendo musicalmente os alunos e, acima de tudo, ajudando-os a superar suas próprias dificuldades individuais.

Referências

ANNUNZIATO, Vania Ranucci. *Jogando com os sons e brincando com a música*. São Paulo: Paulinas, 2002.

BEAR, Mark. F; CONNORS, Barry. W; PARADISO, Michael. A. *Neurociências: desvendado o sistema nervoso*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BENZON, Rolando. *Teoria da musicoterapia: contribuição ao conhecimento do contexto não-verbal*. 3. ed. São Paulo: Summus, 1988.

BRITO, Teca Alencar de. *Koellreutter educador: o humano como objetivo da educação musical*. São Paulo: Peirópolis, 2001.

CAVALIERI, Gerson Jaime. *Desafios da musicoterapia na doença de Parkinson*. 2. ed. Curitiba: Edição do Autor, 2011.

DAUD, Alliana. *Jogos e brincadeiras musicais*. São Paulo: Paulinas, 2009.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. *De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação*. São Paulo: UNESP, 2008.

GAINZA, Violeta Hemsy de. *Estudos de Psicopedagogia Musical*. 3. ed. São Paulo: Summus, 1988.

MATEIRO, Teresa; ILARI Beatriz (Org.). *Pedagogias em Educação Musical*. Curitiba: Ibpex, 2011.

MATHIAS, Nelson. *Coral, um canto apaixonante*. Brasília: Musimed, 1986.

MIZUKAMI, Maria da Graça. Nicoletti. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo: EPU, 1986.

SWANWICK, Keith. *Ensinando música musicalmente*. São Paulo: Moderna, 2003.